

OS JOVENS E A EUCARISTIA

Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Professor de Liturgia

INTRODUÇÃO

Com a palavra vibrante de Paulo VI, "A Igreja confia nos jovens", a Igreja Latino-americana assinalou sua "opção preferencial pelos jovens", por sentir neles uma das razões de sua esperança, um verdadeiro potencial no presente e no futuro de sua evangelização. Por este motivo, quer a Igreja oferecer uma ação pastoral global que leve em conta a realidade social dos jovens, conduza ao aprofundamento e ao crescimento da fé, oriente sua opção vocacional e lhes ofereça elementos para que venham a se tornar agentes de transformação, através de sua participação ativa na Igreja e na Sociedade (P 1186-1187).

A IGREJA E OS JOVENS

Como, de fato, a Igreja sente a juventude atual? A Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES analisa, com preocupação, as mudanças psicológicas, morais e religiosas, particularmente, junto aos jovens que já não mais suportam a situação que se lhes apresenta, levando-os à inquietação e à revolta (GS, 7). Conscientes do seu potencial na sociedade os jovens desejam, de alguma forma, participar do processo de reestruturação da família e do tecido social. O Concílio vê com tanto entusiasmo a ação dos jovens que os chama de "imediatos apóstolos dos jovens", realizando o apostolado, de modo particular, no meio dos jovens e através deles (AA, 12).

Em vista deste apostolado de transformação, os jovens devem receber formação adequada, a começar pela promoção do matrimônio e da família, na relação com os adultos, pelo uso construtivo dos Meios de Comunicação Social, através de uma especial vigilância. O mesmo pensamento desenvolve Paulo VI, na Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi" (EN, 72).

No enunciado em favor da opção preferencial pelos jovens, os bispos, em Puebla, explicitam o objetivo: "Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação" (P 1166).

A Igreja vê a juventude como uma enorme força renovadora

Depois de expor a situação da juventude do mundo moderno, quer no âmbito da família, quer no corpo social, de modo particular na América Latina, os bispos afirmam que a Igreja vê a juventude como uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja.

Os jovens, no entanto, sentem atualmente a Igreja de maneiras diversas. Uns a amam ao sacramento de Cristo; outros a questionam para que seja mais autêntica; outros não a aceitam e procuram um Cristo sem Igreja; há jovens que buscam na Igreja um espaço de liberdade de expressão; existem, ainda, os que pretendem utilizá-la como instrumento de contestação; enfim, uma minoria, influenciados pelo ateísmo e pelo secularismo, a negam e até mesmo a combatem.

Para que a juventude bem-intencionada não se frustre em sua busca de vida e de verdade, é preciso dar-lhe uma resposta objetiva e atraente. Cristo deve ser apresentado como libertador integral. O jovem precisa experimentar Cristo como amigo pessoal, que nunca falha, caminho da total realização.

O jovem tem, pois, necessidade de sentir a Igreja, experimentando-a como lugar de comunhão e de participação. Assumindo as atitudes de Cristo, o jovem promove e defende a dignidade da pessoa humana.

Concretamente, a Igreja convida os jovens a se comprometerem efetivamente com uma ação evangelizadora, através dos movimentos juvenis, ou das comunidades, na pastoral familiar, no âmbito da diocese e da paróquia, mas sobretudo, na pastoral ambiental.

Esta inserção exige formação. Puebla apresenta as linhas mestras desta formação: educação na fé; apresentação de Cristo vivo, Deus e homem, modelo de santidade; simplicidade e fraternidade; espiritualidade autêntica e apostólica, fundada no espírito de oração, no conhecimento da Palavra de Deus e no amor filial a Maria Santíssima; formação gradual, em vista da ação sócio-política e das mudanças das estruturas; desenvolvimento do espírito crítico frente aos meios de Comunicação Social e aos contravalores culturais; estímulo à capacidade criadora, à orientação espiritual e aos meios de crescimento na fé.

A abordagem da pastoral da juventude não será algo abstrato, nem isolado do corpo social

A abordagem da pastoral da juventude não será algo abstrato, nem isolado do corpo social. A juventude deve preservar sua própria identidade, prestando um serviço que lhe é próprio.

A CNBB, em suas diretrizes gerais da ação pastoral (1983-1986), aborda, como primeiro de todos os destaques, o problema dos jovens e da juventude brasileira. Depois de reconhecer que ainda pouco se fez para concretizar a opção preferencial pelos jovens, expressa em Puebla, e de apontar os sinais de vida e de morte existentes em nossos jovens e após constatar os êxitos já alcançados, os bispos enfatizam: "A Igreja quer convidá-los a se comprometerem numa atividade que não exclua ninguém e, ao mesmo tempo, incentivá-los a terem predileção pelos mais pobres" (Doc. 28, n: 118). Em seguida, os bispos apontam os caminhos para a pastoral da juventude.

A JUVENTUDE HOJE

Sem a pretensão de elaborar um quadro completo sobre as características dos jovens de hoje, uma vez que não é esta a finalidade deste estudo, vamos analisar alguns aspectos que dizem respeito, mais de perto, à relação entre os jovens e sua vivência eclesial e litúrgica.

O jovem é essencialmente dinâmico, não afeito ao cultivo das tradições. Não é tanto o passado, quanto o futuro que o atrai. A rotina lhe causa tédio. A mera repetição dos mesmos atos, dos mesmos textos, não o empolga. Em termos de liturgia, a fixação de textos, de formas e de ritos, não agrada ao jovem. A criatividade litúrgica deve manter o equilíbrio entre a apresentação das formas que são permanentes, nas celebrações, e a necessária criatividade. A liturgia deve ser viva, atraente, comprometida, desafiante, capaz de arrebatá-lo a atenção e o coração dos jovens.

O jovem manifesta, ainda, grande vontade de participar. Aliás, ninguém gosta de ser mantido à margem da celebração. . . Dado o seu dinamismo, no entanto, o jovem, mais que qualquer outro, deseja ser sujeito da celebração, participar ativamente da ação litúrgica. Quanto mais a celebração conseguir envolvê-lo com cantos, gestos, símbolos e atitudes concretas, tanto mais será por ele vivenciada.

Faz parte da psicologia e da espiritualidade do jovem ter particular sensibilidade para com a vida e a realidade, quer pessoal, quer sociopolítica. A celebração litúrgica deve pôr em evidência o dom da vida, a vitória de Cristo sobre a morte, como ainda a repercussão desses acontecimentos sobre a vida de cada um e sobre a vida da comunidade.

O jovem desenvolve, também, um apurado senso crítico que deve ser orientado para aprimorar o nível das celebrações e para comprometê-lo, ainda mais, nas atividades e nas responsabilidades eclesiais.

OS JOVENS E A LITURGIA

Por conseguinte, a liturgia deve abrir espaço para o jovem. A pastoral litúrgica não pode estar dissociada da pastoral da juventude. Devem os jovens participar de todas as equipes de pastoral. A liturgia será ágil, se quiser traduzir a vida do jovem. Dará ênfase ao compromisso de vida, uma vez que celebra o amor pleno. Uma liturgia engajada, que expresse e alimente uma espiritualidade libertadora, militante.

É preciso buscar "o novo" na pastoral da juventude, que corresponda aos novos desafios no seguimento de Jesus, e que se concretize na opção evangélica pelos mais pobres, na espiritualidade do Reino, na descoberta do equilíbrio entre ação e contemplação, na inserção na pastoral paroquial e no compromisso cristão frente ao mundo secular.

As celebrações com jovens têm características especiais

As celebrações com jovens têm características especiais. Os jovens manifestam um modo próprio de viver a experiência religiosa, de se expressar liturgicamente. Ainda não se refletiu bastante, a nível de Igreja, sobre as celebrações com jovens, embora se tenha já pensado em diretório para crianças, em Orações Eucarísticas para crianças e em celebrações para grupos populares. É preciso, também, refletir sobre problemas como: a integração dos jovens na celebração; dificuldades de compreensão da linguagem e dos símbolos litúrgicos; obrigatoriamente e rigidez dos ritos que dificultam a criatividade e a expressão livre dos jovens; ritos menos "pré-elaborados" e uma liturgia mais elástica, em sintonia com a vida, que favoreça maior participação e compromisso, é que manifeste um clima de festa.

É necessário, no entanto, situar bem o que se entende por criatividade litúrgica. Não significa, apenas, originalidade e mudança. . . Não significa pensar logo em "algo contrário" ao estabelecido. Há uma criatividade que é intrínseca à celebração. A liturgia é criativa por natureza própria, dado que constitui a atualização do Mistério Pascal de Jesus, ao qual se une o da Igreja. A liturgia não se reduz a uma sucessão mecânica, rotineira, monótona dos mesmos ritos, mas celebra uma experiência sempre nova da Palavra de Deus e da presença de Jesus Ressuscitado. A criatividade litúrgica não consiste, necessariamente, por exemplo, em mudar uma leitura, mas em dar-lhe uma nova vida, em oferecer todas as oportunidades para que a Palavra de Deus possa exercer, em nós e na comunidade, toda sua força transformadora. Evidentemente, uma celebração deve variar, buscar o novo, criar novos textos e novos símbolos. Por detrás das mudanças e, até mesmo, antes delas, se faz necessária uma profunda catequese litúrgica.

"O que se celebra" e o "como se celebra" são importantes

Criatividade significa, também, dar vida aos textos, aos símbolos e às estruturas existentes. Trata-se de celebrar e de celebrar bem, e não apenas de ritualizar. Ao mesmo tempo que se incentiva à criação de novos ritos, fórmulas e textos, é preciso dar vida aos textos já existentes. Este dinamismo interior não se encontra nos livros litúrgicos, nem nas rubricas de um ritual; brota da comunidade que procura celebrar bem, e é este que alimenta a verdadeira criatividade.

Numa celebração, "o que se celebra" e o "como se celebra" são importantes. A teologia litúrgica nos diz "o que" devemos celebrar. A ciência litúrgica nos diz "o como". A reforma do Vaticano II procurou introduzir, particularmente nas "Introduções Gerais" dos rituais, os fundamentos teológicos das celebrações e isso constitui uma grata evolução.

A *Sacrosanctum Concilium* afirma que não pretende impor rígida uniformidade, permitindo, assim, variações e adaptações legítimas, desde que não firam a unidade substancial do rito romano. As Introduções Gerais dos novos ritos apelam constantemente para essas possíveis adaptações, mas toda esta aparente abertura esbarra nos limites impostos e nas condições estabelecidas para se proceder a adaptações mais profundas (SC; 37-40).

Todas estas considerações têm repercussão imediata nas celebrações com os jovens, porque neutralizam uma das principais características do mundo jovem que é a maleabilidade e a criatividade.

Dentro deste quadro, quais são os valores que os jovens mais apreciam na liturgia, que aspectos são prioritários e quais os perigos a serem evitados?

Dentre os valores, os jovens são mais sensíveis ao clima de fraternidade e à celebração comum. Desejam uma liturgia mais viva e autêntica, mais criativa, linguagem mais clara e direta, uma Eucaristia mais relacionada com a vida.

Por conseguinte, alguns requisitos não podem faltar. Antes de tudo, é indispensável uma sólida catequese que sirva de base à fé. A liturgia da Palavra, como momento de anúncio, denúncia, escuta, interiorização e resposta à Vontade de Deus, é um momento privilegiado. A Oração Eucarística, particularmente quando se prevê o diálogo entre o presidente e a assembléia, exerce importância fundamental. A participação plena inclui a comunhão sacramental consciente e frutuosa.

Alguns perigos, no entanto, devem ser evitados. A falta de tradição litúrgica na vida dos jovens faz com que eles não valorizem o simbolismo e a linguagem litúrgica. Falta-lhes, por vezes, o sentido de Igreja e de comunidade eclesial. Outras vezes, deixam-se levar pela superficialidade, pela improvisação e pela falta de persistência. De outra parte, o excesso de criatividade e o perfeccionismo podem, igualmente, prejudicar as celebrações.

DEPOIMENTOS

Além de uma reflexão teórica sobre como deve ser a liturgia com os jovens, é importante analisar o que os próprios jovens pensam sobre o assunto. Com este objetivo, realizamos uma pesquisa com jovens de várias paróquias de nossa Arquidiocese e as respostas podem servir de indicador no esforço de tornar nossas celebrações mais identificadas com seus anseios.

À pergunta, "como você se sente, participando de nossas celebrações litúrgicas", as respostas são as mais diversas. Alguns criticam a falta de integração entre o padre e a comunidade e, até mesmo, a incoerência entre o que se fala e o que se vive. Outros, sentem falta do "sentido do sagrado"; por conse-

Liturgias que atingem a realidade do jovem

guinte, as celebrações se tornam realidade distante. Há outros que se manifestam positivamente, considerando as celebrações como momentos fortes e importantes de suas vidas, da vida da Igreja, momentos de real crescimento e aprofundamento na fé.

Perguntamos, também, pelos positivos e negativos das celebrações litúrgicas paroquiais e tivemos o seguinte quadro:

Positivos: a participação da comunidade nas celebrações; o conteúdo catequético destas celebrações; a participação dos jovens na organização e na animação das celebrações; liturgias que atingem a realidade do jovem, que o atraem e o catequizam, despertando seu interesse pela celebração e pela comunidade.

Negativos: falta de catequese na juventude; excesso de solenidade na liturgia; celebrações cansativas e longas; homilias fora do contexto litúrgico e fora da realidade; celebrações superficiais; linguagem difícil usada na liturgia; falta de adaptação do conteúdo litúrgico para o povo; pouca receptividade por parte dos jovens; o folheto litúrgico, por vezes, prejudica e limita a participação do povo; a monotonia de certos cantos; falta de interesse do jovem em participar mais intensiva e conscientemente da liturgia; a liturgia perdeu, em parte, a capacidade de encantar tanto os jovens como os adultos; participação mecânica nas celebrações.

Como **sugestões**, os entrevistados apontaram as seguintes: mais espaço para os jovens nas celebrações; realizar com mais frequência as "missas jovens", inserir os jovens nas responsabilidades litúrgicas; ensaios de canto mais frequentes, com cantos novos e mais adaptados à realidade da juventude; celebrações mais criativas e fluentes, não exageradamente longas, com lingua-

gem mais acessível, particularmente nas Orações Eucarísticas, que deveriam ser dialogadas com o povo; há necessidade de catequese litúrgica mais intensa; menos distância entre o padre e a comunidade; sintonia maior entre a celebração e a realidade; introduzir elementos culturais e artísticos próprios das diversas regiões; dar oportunidade a novas pessoas na coordenação das celebrações, a fim de evitar acúmulo de cargos e fechamento das equipes de liturgia; valorização dos momentos de silêncio e uso inteligente dos folhetos litúrgicos.

À pergunta "o que significa a Eucaristia para você", as respostas foram semelhantes: o momento de maior intimidade com Deus; um revigoração para continuar a missão; o centro da vida cristã; momento privilegiado de comunhão com Cristo e com os irmãos; elemento transformador da vida; momento forte de consciência cristã de toda a comunidade; um compromisso para a transformação da sociedade e do mundo; semente de um mundo novo, mais fraterno e mais justo.

CONCLUSÃO

A problemática é bem mais ampla do que se pensa. No entanto, a partir dos valores e limites do mundo juvenil e, principalmente, levando em consideração seus legítimos anseios, é possível tornar nossas liturgias mais atraentes aos jovens, levando-os a participar mais consciente e frutuosamente das celebrações. A missa com jovens será sempre um desafio, um convite ao dinamismo e a criatividade. A "eterna novidade" da liturgia deve transparecer num "novo modo de celebrar".

Endereço do autor:

ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — Florianópolis, SC

COMENTÁRIO À REFLEXÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DO DOCUMENTO DE CONSULTA PARA SANTO DOMINGO

Pe. Dr. Vitor Galdino Feller
Diretor e Professor de Teologia Dogmática

Introdução

Em primeiro lugar, é preciso observar com satisfação a retomada, em relação ao documento anterior (capa cor-de-rosa), do método ver-julgar-agir, que aparece, aliás, não de maneira linear (ver-julgar-agir), simplesmente, mas de modo dialético, do seguinte modo: primeiro vem um "ver" histórico, muito bem situado no primeiro capítulo, para dar o conteúdo e o sentido da comemoração dos 500 anos de evangelização; em seguida, faz-se uma pausa no "ver" para uma reflexão terminológica e criteriológica, em que se definem os termos e critérios para o entendimento das palavras-chave do documento; por fim apresenta-se em três capítulos subsequentes a visão econômica, política e social da realidade; o julgamento bíblico-teológico; e as linhas pastorais.

O Documento de Consulta constitui-se num avanço em relação a Medellín e Puebla, permanecendo na sua continuidade. Do teor sóciopolítico-econômico de Medellín avançou-se para uma fundamentação histórico-religioso-cultural em Puebla. O documento anterior (capa cor-de-rosa) dava um peso muito forte

ao institucional-hierárquico, sem considerar a caminhada anterior. O Documento de Consulta, acolhendo as sugestões de correção de rota (cf. por exemplo, minha contribuição em *Perspectiva Teológica* 59 (1991) 93-103) conseguiu avançar. Ainda que aponte para uma perspectiva mais institucional, põe-se na continuidade com Medellín e Puebla, com um acento mais eclesial e carismático, em que a Igreja não aparece como força hegemônica e

A evangelização no eixo Reino-Igreja-Promoção humana, como ação do Espírito Santo
